



O Cotidiano Escolar Retrato nos Olhares dos Praticantes¹

Patrícia Oliveira de Freitas²

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, Seropédica, RJ

Resumo

O presente trabalho é parte de uma pesquisa, de doutorado em educação realizada na Universidade Federal Fluminense – UFF, que teve o campo empírico da investigação constituído por alunos do quarto e quinto anos de escolaridade, no Brasil e em Portugal, neste texto apresento uma parte de investigação realizada no Brasil. O objetivo da pesquisa foi perceber e compreender, a partir da produção de imagens fotográficas da escola, que outros modos de ver a escola moram nos olhos das crianças, Mais do que imagens produzidas pelos alunos para apresentar a escola, as fotografias apresentam aspectos da complexidade da vida cotidiana da escola, incluindo movimentos ambíguos: ordem/desordem, controle/descontrole, mostrando a escola como um espaço de tensão entre diferentes lógicas e saberes.

Palavras-chave: fotografia, olhares, sujeitos, escola

Um olhar panorâmico

Minha pesquisa de doutorado inicialmente dizia respeito às interações entre a televisão, a criança e o brincar. Pretendia perceber as relações estabelecidas no cotidiano escolar entre as formas de brincar e o conteúdo televisivo, uma vez que reconheço a importância da televisão e dos brinquedos, mediados por sua apropriação pelas crianças, na construção social da infância.

Através de tal estudo, que seria feito a partir da observação das crianças durante suas práticas lúdicas, considerei possível, a partir do que elas dão a ver, perceber aspectos de como são construídas as inter-relações entre o conteúdo televisivo e as formas de brincar. Inicialmente a pesquisa fora assim orientada. Buscava investigar o que as crianças fazem com o que vêm na TV. Entretanto, ao vivenciar o cotidiano da escola, fui me permitindo acompanhar o processo de pesquisa e perceber a maneira como os alunos se envolviam e me sinalizavam aspectos para os quais ainda não tinha me atentado. Assim, uma deriva no meio da pesquisa permitiu-me ver mais a partir dos interesses e das curiosidades deles: descobri a criança como protagonista e tentei assumir a perspectiva dos alunos como questão central para a pesquisa.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Educação – UFF, profª do Departamento de Economia Doméstica da UFRRJ. email: pfreitas@ufrj.br



Dessa forma, alterando os objetivos iniciais, o fazer da pesquisa me impulsionou a construir uma pesquisa vivida e compartilhada na qual as crianças pudessem se apresentar como sujeitos e protagonistas. Sendo a escola um espaço habitado em que se dão múltiplos usos, comecei a sintonizar meu olhar com outros modos de ver a escola, modos outros que moram nos olhos das crianças. Comecei a me dar conta de que, a partir dos muitos modos de ver e retratar a escola, de alguma maneira, os alunos me mostraram que, embora a televisão e as novas tecnologias participem de seus processos de formação, eles agem a partir do contato com esses artefatos para além de uma simples recepção passiva. A produção de imagens se fez acompanhada de diálogos e falas que abriam novas possibilidades de compreensão.

A pesquisa teve como campo empírico duas instituições públicas de educação básica. A primeira delas, o Centro de Atendimento Integral à Criança - CAIC Paulo Dacorso Filho, localizada no Município de Seropédica, no Rio de Janeiro, Brasil e a segunda, a Escola de Básica 2, 3 Dr. Francisco Sanches, na cidade de Braga, em Portugal. O contexto da investigação foi constituído por alunos do quarto e quinto anos de escolaridade, no Brasil e em Portugal, respectivamente, sendo cinquenta e sete (57) alunos brasileiros e treze (13) alunos portugueses, com idades entre nove (9) e quatorze (14) anos. Na escola brasileira, cada aluno produziu três (3) fotografias, totalizando cento e setenta e uma (171) imagens e na escola portuguesa cada aluno produziu seis (6) fotografias, totalizando setenta e oito (78) fotos. Nesses dois cotidianos escolares, os registros incluíram o espaço e também seus diferentes praticantes.

A tessitura da metodologia

A flexibilização metodológica da pesquisa com o cotidiano me permitiu fazer um movimento diante daquilo que se apresentava. Desta maneira, no decorrer da pesquisa algumas situações me levaram a repensar, a todo o momento, a prática da pesquisa e a desconstruir e reconstruir um fazer metodológico que tentasse, pelo menos, aproximar-me da multiplicidade de possibilidades e enigmas desse cotidiano.

Assim, os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa seguiram “(...) não mais os passos de uma metodologia de pesquisa, mas a abertura para irmos costurando a pesquisa de acordo com o que a realidade nos leva a fazer, mas(...)” “(...) simplesmente nos abrimos para acompanhar o que aponta ou sugere a realidade a ser investigada e os sujeitos professores e alun@s que, como nós, estão envolvid@s no processo de pesquisa



(...)”. Dessa forma, meu modo de fazer pesquisa está em sintonia com o que afirma Garcia sobre o método “(...) o método vai sendo co-construído na trajetória, pelos sujeitos pesquisadores(...)” (GARCIA, 2003, p.206-7).

Nas ações, no fazer, nas formas de viver, na rotina invisível, nas conversas e no estar com os alunos, encontrei o material que me ajudou a ir tecendo esta pesquisa com o cotidiano ao sabor do que ia encontrando.

Como Esteban adverte:

são muitas as relações possíveis e não há trajetos predefinidos, lineares, cujos pontos de partida sejam fixos e os pontos de chegada previsíveis. A imprevisibilidade e a invisibilidade tecem o cotidiano, rede em que também se atam previsibilidade e visibilidade (ESTEBAN, 2003, p.201).

Ao longo do processo de observação, fui me dando conta de uma mudança do que era uma rota pré definida em roteiro flexível. Essa mudança de percurso e, mais que isso, interagindo com as crianças, o próprio foco da pesquisa foi sendo alterado com a assunção das crianças à posição de protagonistas.

De sujeitos da pesquisa a protagonistas

Minha idéia inicial era apresentar o campo empírico da pesquisa. Com o andamento do trabalho e com o envolvimento, interesse e a curiosidade das crianças pelos equipamentos que usava durante nossos contatos, especialmente o gravador de voz digital e a máquina fotográfica digital, veio-me a idéia de socializar com elas essa tarefa, convidando-as a fotografar a escola. De início, eu não esperava tanto do material que surgiria. Qual foi a minha surpresa ao ver que, de alguma forma, elas reinventavam algo apreendido com os meios tecnológicos como computador, televisão..., tinham domínio da técnica de enquadramento, foco... e, mais, cada movimento deles era feito a partir de uma lógica que não era a do adulto. Curiosa dos muitos olhares que moravam nos olhares das crianças, permiti-me fazer essa reinvenção da pesquisa em que as crianças ocuparam a função de protagonistas.

Assim, algo que teria apenas uma função quase que ilustrativa, passou a ter uma função constitutiva de um novo desenho da pesquisa e até da mudança do meu olhar para essas crianças. Elas não se revelaram apenas crianças que usavam máquinas. Elas eram crianças que, a partir de lógicas próprias e saberes próprios, produziam fotos carregadas de sentido.



A respeito do uso das fotografias, considero oportuna a reflexão de Moreira Leite, ressaltando que:

nos estudos de tradição européia e acadêmica, o texto verbal foi consagrado e tornou-se [...] a forma prioritária de expressão ocidental e moderna. Os textos visuais, associados com maior freqüência ao contexto artístico e social, ficaram relegados à condição de ilustração dispensável ou superlativa. Muitas vezes são deixados de lado, pela ambivalência e pelos obstáculos de suas leituras. (MOREIRA LEITE, 2006, p.39)

Na minha pesquisa, a ênfase na fotografia não significou o descarte do verbal no momento em que as fotografias foram feitas ou exibidas e reinterpretadas sob diferentes olhares.

A respeito da realização de pesquisas com crianças, acompanho Silveira quando afirma que “(...)grande parte das pesquisas vê as crianças do ponto de vista do adulto, por isso, suas falas e idéias muitas vezes não são consideradas(...)”. A autora destaca que freqüentemente “(...) as crianças não têm uma fala considerada como legítima na ordem discursiva. As idéias que elas expressam são quase sempre ignoradas e desqualificadas pelos adultos, como se estas falas fossem algo menores, infantis, e destituídas de razão (...)”. (SILVEIRA, 2005).

O posicionamento adotado por mim, neste estudo, assemelha-se ao utilizado pela autora, visto que “optamos por ouvir as crianças por acreditarmos que elas devam falar por si próprias”. Assim, na pesquisa realizada, as crianças foram assumindo um papel de destaque.

Muito já tem sido dito sobre o uso da fotografia como forma alternativa ao registro escrito, mas, sobretudo, interessa-me ressaltar que a forma como a pesquisa foi conduzida me levou a reconhecer o papel de agente dos sujeitos e valorizar suas produções. Assim, concordo com Soares sobre a importância de:

encarar as crianças como competentes para o manuseamento de equipamentos de registro em vídeo e em fotografia é uma atitude indispensável para lhes permitir aceder a ferramentas metodológicas inovadoras. Estas serão indispensáveis para documentar e tornar visíveis as representações acerca do mundo que as rodeia, possibilitando-lhes tornarem-se parceiras no processo da investigação. (SOARES, 2005, p.163)

O contexto de produção das imagens

Para as fotos, propus que cada criança, na escola brasileira, fizesse três imagens para mostrar a escola para quem não a conhecia. Mais do que cumprir o combinado, ousaram me propor outra coisa, agindo como protagonistas, descobrindo muitos modos



de ver a escola e me chamando a descobrir seus saberes e lógicas que se indiciavam nas fotos. Ao permitir que elas registrassem a escola, foi aberto um espaço de fazer e viver criativo.

O modo como produziram as imagens, me permitiram perceber a questão da ambivalência presente na tensão entre o autorizado e o subvertido. Embora eu estivesse no comando, dando orientação, mesmo assim, de repente, um menino resolvera tirar uma foto em dia de chuva, contrariando a minha orientação. Logo outros trataram de acessar lugares que me pareciam impossíveis, como, por exemplo, pular a cerca. Ou seja, eles encontravam possibilidades de driblar o estabelecido.

Para a realização da pesquisa, cheguei ao CAIC munida de alguns recursos tecnológicos. Diante da curiosidade das crianças pelos equipamentos que usava durante nossos contatos, especialmente o gravador de voz digital e a máquina fotográfica digital, houve uma mudança na metodologia previamente pensada para a pesquisa. A partir desse interesse das crianças, pensei em passar a máquina para o comando delas e, aproveitando o quanto as novidades tecnológicas são incorporadas pelas crianças chegando a constituir um aspecto da cultura infantil, sugeri-lhes a produção das imagens.

As fotos foram feitas em seis dias diferentes. Nesses momentos, os alunos foram organizados, na maioria das vezes, em ordem alfabética³, em grupos com quatro alunos em média. Quando chamei/convidei o primeiro grupo adotando a ordem alfabética, uma menina protestou: “Ah, ordem da chamada. Eu sou a última. QUE RAIVA!” Eu lhe disse: “Vai chegar a sua hora”.

Naquele momento estava preocupada em seguir uma organização prévia. Só mais tarde fui instigada a refletir. O estabelecimento de um critério aparentemente neutro e justo me fez pensar na determinação desse padrão. Assumi uma posição tranqüila e confortável, colocando-me de algum modo fora de qualquer julgamento. Escondi-me atrás de um critério não por acaso usualmente empregado na escola pretensamente neutra, mas que também exclui, segrega, dependendo da lente de quem vê e vive na pele a situação.

Lembro do alerta feito por Nilda Alves, quando ressalta que “só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande

³ A adoção desse critério teve como única motivação facilitar a organização dos grupos, uma vez que a maioria queria ir ao mesmo tempo.



mergulho na realidade cotidiana da escola e nunca exercitando o tal olhar distante e neutro que me ensinaram e aprendi a usar”. (ALVES, 2008, p.20).

Esse critério, na verdade, parecia ter sido superado, pois, ao chamar as crianças para fazer as fotos, algumas manifestaram interesse e outras (naquele momento) estavam em “outra”, seja por não terem vontade de participar ou porque estivessem muito envolvidas nas atividades da “oficina”. As fotos foram feitas durante o horário das oficinas por sugestão das professoras. O CAIC possui horário integral e na parte da manhã as crianças ficam com as professoras regentes das turmas; na parte da tarde, participam de oficinas, onde realizam atividades diversificadas: vídeo, esportes, leitura, artes, entre outras. Vale ressaltar que algumas crianças não gostam de participar de determinadas oficinas seja pela temática ou por não gostar do/a professor/a, ou seja, às vezes participar da produção das fotos constituía uma tática.

Para além de escolher/determinar a ordem para a produção dos registros, uma vez formado o grupo, explicava-lhes a proposta, mais ou menos assim:

como vocês sabem, estou fazendo uma pesquisa e nesse trabalho eu quero falar um pouco como é o CAIC. Então pensei em fazer isso em fotos e gostaria que vocês me ajudassem nessa tarefa. Assim, cada um vai fazer três fotos da escola e apresentá-las para outras pessoas que não conhecem essa escola (pesquisadora, 2006).

Em seguida, mostrava-lhes como a máquina funcionava e caminhávamos pela escola até que o/a aluno/a tivesse encontrado aquilo que quisesse registrar. Algumas vezes o tempo empregado nessa empreitada era breve, outras vezes longo. Se, por um lado, havia crianças que já demonstravam saber o que queriam registrar, por outro, algumas pareciam tomar sua decisão durante nossa caminhada e, por vezes, mudavam de opinião. Esse processo envolveu negociações nas quais nem sempre prevaleceu o consenso.

A possibilidade de uso da minha máquina fotográfica foi, para alguns alunos, motivo de surpresa, como pode ser notado nas seguintes falas: “Tia, EU vou tirar a foto? Com a SUA máquina?, A gente que vai tirar! Eba!” Tal surpresa vinha acompanhada de uma certa “curtição”. Às vezes achava que eles estavam “se sentindo”, como eles costumam dizer, exibindo isso para os outros alunos, principalmente para os das demais turmas.

Mesmo que alguns não mostrassem facilidade em lidar com o aparato tecnológico, todos participaram da atividade, revelando quase que uma intimidade com



a máquina digital. A respeito desse aspecto, confirmando Souza e Lopes quando afirmam que as crianças, ao contrário dos adultos, não sentem medo diante da tecnologia, pois, para elas, as máquinas são como brinquedos ao passo que, para os mais velhos, são delicadas ferramentas do trabalho sério. Assim “(...) a criança está livre do sentido sério e sisudo que as coisas posteriormente adquirem no curso da vida e, por isso, pode nos mostrar novas alternativas de convívio com as máquinas(...)” (SOUZA e LOPES, 2002, p. 65).

A curiosidade das crianças foi marcante em relação ao funcionamento da máquina fotográfica, desde o peso do equipamento até o seu valor econômico. Queriam saber por que era pesada; quanto custara; se usava filme; onde as fotos ficavam; como fazia para revelar as fotografias etc. Essas questões levantadas pelas crianças, eram respondidas e algumas vezes demonstradas, como na ocasião em que mostrei para eles o cartão de memória. Expliquei-lhes também que o peso era determinado pelo número de pilhas utilizadas (no caso, quatro pilhas). Em relação às pilhas, nossa conversa foi assim:

Moisés: Tem metal aqui?

Pesquisadora: Por quê?

Moisés: É pesado.

Pesquisadora: É porque... sabe o que pesa nela? Vou tirar e vou te mostrar. É a pilha. Essa máquina usa quatro pilhas. Vou tirar as pilhas dela e você vai ver como é que ela fica.

Moisés: Deixa eu ver? Fica levinha.

Pesquisadora: Fica levinha.

Moisés: Essa pilha veio de onde?

Pesquisadora: É pilha normal.

Moisés: Parece cartucho de fuzil.

Pesquisadora: Que cartucho de fuzil nada.

Moisés: Parece, num parece?

Pesquisadora: Parece, mas não é.

Moisés: Parece.

Na comparação estabelecida entre a pilha e o cartucho de fuzil, o menino parece estar comparando uma tecnologia que ele conhece com uma que ainda não conhecia. Nesse processo de elaboração mental, ele busca um termo de aproximação.

Na produção das imagens: a revelação de múltiplas possibilidades de expressão

A partir do trabalho desenvolvido com os alunos, o CAIC passou a ser apresentado sob a sua ótica, uma ótica não oficial, uma ótica de praticante, uma perspectiva de quem vive o lugar como um espaço praticado, diferentemente de uma escola que poderia ter sido mostrada apenas pela ótica oficial. Os alunos produziram



171 fotografias da escola. Em 60 fotos eles registraram os praticantes e, na maioria delas, ou seja, em 111 fotografaram os espaços da escola, sendo que em 61 dessas imagens também foram incluídas pessoas para apresentar o CAIC e nas outras 50 imagens registraram os espaços em momentos em que estes não estavam habitados. É com a ajuda de algumas dessas imagens dos espaços que pretendo convidar o leitor a visitar o CAIC, a partir do *click* das crianças, sujeitos da pesquisa.

Nas caminhadas que fizemos juntos, pude perceber a transformação do lugar em espaço pelos “praticantes ordinários” da ESCOLA, que, como os praticantes da cidade apontados por Certeau, “jogam com espaços que não se vêem; têm dele um conhecimento tão cego como no corpo-a-corpo amoroso” (CERTEAU, 2004, p.171).

Nessas caminhadas tornavam-se visíveis as diferentes formas de ocupação dos espaços, apontando às vezes para o rompimento dos limites do pré-determinado e favorecendo a criação. No momento em que os alunos atuaram como “fotógrafos”, eles valeram-se de um tipo de “astúcia” e assumiram, mesmo que momentaneamente, o lugar dos sujeitos. Aproveitando-se dessa posição de poder, imprimiram seus modos específicos de agir na escola e de se apropriar do seu cotidiano.

Foram registrados usos inesperados dos espaços. Percebi que as crianças puderam experimentar romper com algumas regras, fosse porque estavam acompanhadas da pesquisadora ou, mais do que isso, por fazerem uso de uma autonomia a ser experimentada. Desta forma, transpuseram limites, como, por exemplo, o de ir a espaços não permitidos, como o “parquinho dos menores”; ou subir escadas não permitidas no dia a dia. Os grupos de alunos, que foram organizados para essa atividade, fotografaram não apenas as proibições. Eles registraram os diferentes espaços da escola.

Para os registros, os vários fotógrafos fizeram escolhas diferentes. Alguns fizeram suas três fotos apenas dos espaços em si, outros usaram suas fotos para registrar somente os praticantes e alguns fizeram isso e aquilo, ou seja, fotografaram apenas espaços em algumas fotos e só os sujeitos em outras. No entanto, nem sempre a separação foi tão dicotomizada assim, pois, em muitas fotos, os limites, entre um registro dos espaços e dos praticantes, não são nítidos. E mais onde a presença, dos praticantes, não era visível cabe pensar que ainda assim eles lá estavam: do outro lado da câmera. Ou seja, a presença dos sujeitos foi marcante durante a produção dos registros.

Dentre as inúmeras fotos dos jardins do CAIC, destaquei as duas imagens a seguir que, produzidas praticamente do mesmo lugar/ângulo, mostram como os sujeitos desenvolveram modos diferenciados de uso. Na primeira imagem, a tela, embora aparentemente seja um obstáculo, não impede o registro do jardim. Na imagem seguinte, apesar de a grade continuar no mesmo lugar, o aluno, usando de uma astúcia, colocou a lente da máquina num dos buracos da tela, fazendo a foto das plantas sem as marcas dessa intervenção.



Figura 1 - O mesmo lugar ou um outro espaço?

Ao capturar o jardim, Miguel parece mostrar que tela não é jardim. Trata-se de um jardim ao qual as crianças não têm acesso direto, elas apenas podem observá-lo do outro lado da tela. Localizado entre a parte administrativa e a biblioteca, tem acesso “restrito” para as crianças, que só podem contemplá-lo. O menino, ao transpor a tela, parece tentar entrar nesse “lugar”, transformando-o em “espaço”.

Ao utilizar o buraco da cerca/grade da quadra para colocar a máquina fotográfica, seu gesto parece assumir um movimento de driblar as barreiras que impediam a captura da cena desejada. Ele me fez pensar que:

quem observa os movimentos de um fotógrafo munido de aparelho estará observando movimento de caça....Os caminhos tortuosos do fotógrafo visam a driblar as intenções escondidas nos objetos....Decifrar fotografias implicaria, entre outras coisas, o deciframento das condições culturais dribladas (FLUSSER, 2002, p.29).

A “análise” de Certeau acerca da cidade aponta uma questão importante a ser considerada na pesquisa com o cotidiano. Por um lado, trata-se da limitação do olhar “panorâmico”, e, de outro, da afirmação de que as práticas dos caminhantes também seriam insuficientes para dar conta das possibilidades da vida na cidade, sendo desejável a junção dessas duas perspectivas para a compreensão das questões de pesquisa no

cotidiano. Isso ressalta a importância de buscar perceber o micro sem perder de vista o contexto macro a que nossas pesquisas estão ligadas.

No universo da produção fotográfica, o espaço do parquinho, caracterizado como espaço de troca e um convite ao movimento de corpos, recebeu uma atenção muito grande por parte de diferentes fotógrafos. Assim, aproveitaram a ocasião para reviver algumas práticas que já não mais faziam parte de sua rotina, devido a alguns interditos. Ao escolherem o parquinho como um aspecto desse cotidiano, as crianças não só o capturaram como se inseriram na cena de um espaço cujo uso não era mais autorizado para elas. Entretanto, naquele momento, por estarem investidas do poder de quem as acompanhava, a pesquisadora, abriu-se a possibilidade de ousarem e ultrapassarem as barreiras do dia a dia.

As imagens dos jardins parecem apontar que “toda foto tem múltiplos significados... fotos, que em si mesmas nada podem explicar, são convites inesgotáveis à dedução, à especulação e à fantasia”. (SONTAG, 2004, p.33)

Mas entendo, com DA ROS, que, em se tratando de fotografias, não interessa interpretar, mas apresentar uma pluralidade de aspectos, pois:

retratar, então, não é mais reproduzir, produzir em condições iguais àquilo que a visão, como órgão dos sentidos, retratou, mas sim re-produzir, re-tratar. Constituindo-se numa linguagem, a imagem está associada ao conhecimento e ao conteúdo de experiências vividas, construindo-se ininterruptamente através de re-significações do pensar à medida que o sujeito amplia seu repertório de possibilidades de compreensão e transformação do mundo que o cerca. Os procedimentos de registro de imagens pela fotografia não são, portanto, simples apanhados de dados, mas revelam possibilidades de novos devires à educação do sujeito. (DA ROS, 2006, p.114)



Figura 2 - Parquinho para brincar e registrar, mesmo que de longe.

O parquinho me pareceu despertar uma forte sedução nas crianças, que, algumas vezes, diziam querer ir até lá, reclamando a interdição por não serem mais pequenos.



Numa ida ao parque, argumentaram que iriam lá só para fotografar. Contudo, ao chegarem, não resistiram e brincaram, matando a saudade. Numa dessas oportunidades de brincar no parquinho, um funcionário gritou de longe para que eles saíssem do parque. Falei para ele que as crianças estavam comigo e que íamos fazer as fotos e iríamos embora. Senti que o fato de estarem comigo e/ou com a máquina e fazendo parte daquele trabalho, dava-lhes um certo poder para ultrapassar barreiras e superar os limites do dia a dia, como já destaquei.

Certeau trata da maneira como as praticantes do espaço agem diante da disciplina:

se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede da ‘vigilância’, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; enfim, que ‘maneiras de fazer’ formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominados’?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política (CERTEAU, 2004, p.41).

Exemplos dessas práticas aconteceram em vários momentos das caminhadas, como na situação em que o menino propôs: “a gente pula a cerca ali”. Ele parecia estar mostrando que mesmo existindo barreiras, era possível superá-las. Apesar de toda a rede de vigilância, há mecanismos que não se conformam.

Para além da leitura feita naquela ocasião, recorro novamente a Certeau, que permite reforçar a compreensão das maneiras de fazer das crianças, quando afirma que muitas das práticas cotidianas são do tipo táticas, constituindo-se em “vitórias do ‘fraco’ sobre o mais ‘forte’ (...)”, “(...)pequeno sucessos, artes de dar golpe, astúcias de ‘caçadores’, mobilidades de mão-de-obra, simulações polimorfos (...)” (CERTEAU, 2004, p.47).

Para a produção de algumas imagens, os alunos parecem tentar capturar uma visão ampla da escola. É o caso das fotos do pátio, que ressaltam mais os aspectos da construção em si, embora também haja espaço para a inclusão dos seus habitantes. Um detalhe coincidente dessas cenas é que a maioria delas foi produzida num mesmo dia chuvoso, em que o grupo de alunos fez questão de manter a atividade independentemente do tempo, apesar da minha proposta de remarcarmos a produção das imagens para outro dia.

Quando sugeri a mudança (remarcar as fotos), não sei exatamente o que me preocupava mais, se era o fato de eles saírem na chuva, se era o fato de que a chuva restringiria a ação ao espaço fechado ou se era a possibilidade de a máquina vir a ser

molhada. O fato é que sugeri não fazer as fotos naquele dia. Entretanto, eles não acataram a idéia, mesmo eu sendo a pesquisadora, a dona da máquina e estando, de certa maneira, no lugar de quem define as estratégias. Os alunos fizeram um movimento de insurgência. Quiseram, sim, fotografar mesmo com chuva. Eles tomaram, neste momento, a estratégia em suas mãos. Quem sabe, estivessem aproveitando o efeito estético proporcionado pela chuva, poderiam também estar produzindo imagens que intuíssem não terem sido feitas, pelo menos ainda, buscando o ineditismo.

Mais do que simples registros do pátio, num dia chuvoso, penso que os alunos me revelaram olhos que não se cegaram para o cotidiano, olhos “que ainda podem enxergar reparando, transformando a realidade em obra, em outro significado que não só funcional e prático”. (ANDRADE, 2002, p.27).

Nas fotos do pátio, produzidas por Cláudio e Daniel, mostram-nos, aparentemente, “o mesmo”. Na primeira, entretanto, o enquadramento parece ter privilegiado o chão enquanto, na outra, o céu é que foi ressaltado. Elas são um convite a pensar com Santaella, quando ressalta que “outra dualidade da fotografia encontra-se na oposição entre dois extremos que nela se conciliam: de um lado, o único, singular; de outro, o infinito”. (SANTAELLA: 2008, p.126)

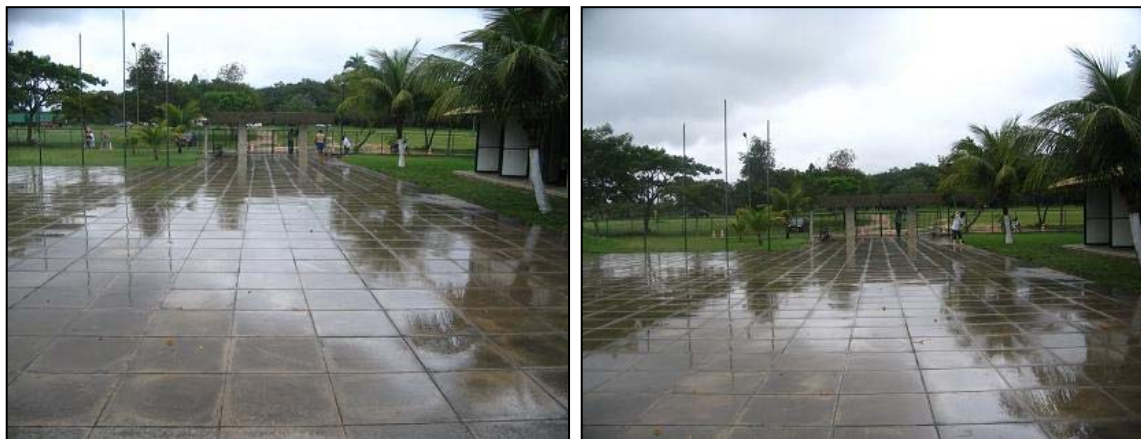


Figura 3 - Sejam bem-vindos com sol ou com chuva...

Neste dia chuvoso, Miguel tirou uma foto do céu. Essa imagem talvez seja mais uma tentativa de registrar uma dimensão da escola que excede limites dados. Essa imagem me surpreendeu, pois tinha pedido que eles fizessem fotos da escola, e, na minha visão, talvez o céu não fizesse parte da escola. Revendo essas imagens e tentando refletir sobre o que elas me traziam, peguei-me repensando minhas certezas: imaginava que os registros fossem dar conta das salas, da biblioteca, da quadra e assim por diante. Surpreendi-me e vi muito mais coisas a partir dos olhares deles. Novamente destaco

que, em muitas situações da pesquisa, os alunos me mostraram coisas que eu nem sequer imaginava incluir no texto, caso a apresentação do CAIC tivesse ficado sob minha responsabilidade apenas. E, assim, fui aprendendo com eles a alargar minhas possibilidades de olhar e ver durante o processo de realização da pesquisa.



Figura 4 - Céu também é escola?

Como assinala Santaella não há dúvida de que uma das mais perturbadoras contradições a se aninhar no seio da fotografia está na convivência dos termos opostos – presença e ausência – que nela se realiza. (SANTAELLA, 2008, p.128)

Essa imagem permite pensar a questão do visível/invisível na fotografia, como salientado por Koury:

a fotografia como duplo (...) traz em si o efeito de enganar, de decepcionar, de engodar: é presença do objeto revelado, mas, também, é sua ausência irremediável. Satisfaz uma passagem fundamental entre o visível e o invisível, reforçando, ao mesmo tempo, sua oposição. (KOURY, 2006, p.68)

Vala ainda ressaltar com Galano “que o ato de fotografar propiciou uma nova dinâmica para a obtenção dos dados. O simples procedimento de entrevista (...), provavelmente não permitiria acesso a conhecimentos obtidos ao longo do caminho em direção às fotos”. (LARA e MOTTA, 1995 apud GALANO, 2006, p.186)

As fotos feitas pelas crianças permitem pensar que o cotidiano, embora seja visto como repetitivo, rotineiro, ou mesmo o lugar onde nada de novo acontece, nunca é o mesmo. Cada fotografia feita, apesar de capturar o “mesmo” lugar, tinha algo que a tornava única (irrepetível), pois a motivação de cada uma das crianças era única ou, pelo menos, diversa.

Assim, os relatos fotográficos da escola mostraram os modos de usos do espaço por parte dos sujeitos da pesquisa. A sua maneira cada um aluno vem apresentando uma forma própria de ver, sentir e viver a escola. A fotografia vem sendo assumida



como método e também como forma de expressão dos vários olhares sobre o cotidiano da escola.

Como salienta Sarmiento, as crianças:

possuem modos diferenciados de interpretação do mundo e de simbolização do real, que são constitutivos das “culturas da infância”, as quais se caracterizam pela articulação complexa de modos e formas de racionalidade e de acção. (SARMENTO, 2005, p.371).

Os temas abordados pelos alunos parecem dar conta de apresentar a complexidade da vida cotidiana da escola, incluindo movimentos ambíguos: ordem/desordem, controle/descontrole, valorização/crítica, mostrando a escola como um espaço de tensão entre diferentes lógicas e saberes, revelando múltiplos modos de ver e diferentes maneiras de consumir a escola.

Referências bibliográficas

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa e ALVES, Nilda. (orgs.) **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. Petrópolis: DP et Alii, 2008, p. 15-38.

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e Antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1- as artes de fazer**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DA ROS, Silvia Zanatta et all. O ensinar e aprender, a pesquisa e a “sociedade da imagem”: apontamentos. In: **Imagens: intervenção e pesquisa**. DA ROS, Silvia Zanatta et all. (orgs). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP/CED/UFSC, 2006. 101-117

ESTEBAN, Maria Teresa. Dilemas para uma pesquisadora com o cotidiano. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002. 82 p.

GALANO, Ana Maria. Iniciação à pesquisa com imagens. In: FELDMAN-BIANCO, Bela, MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz (orgs). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. 5 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006. 173-193.

GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano”. In: GARCIA, R. L. (org.). **Método; Métodos; Contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.



KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Caixões infantis expostos: o problema dos sentimentos na leitura de uma fotografia. In: FELDMAN-BIANCO, Bela e MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz (orgs). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006. p. 65-74.

MOREIRA-LEITE, Miriam Lifchitz. Texto visual e texto verbal. In: FELDMAN-BIANCO, Bela, MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz (orgs). **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. 3 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2006. p. 37-49.

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2008. 222 p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Ago 2005, v.26, n.91, p.361-378.

SILVEIRA, Débora de Barros. **A escola na visão das crianças**. GT educação da criança de 0 a 6 anos. (Disponível em www.anped.org.br/reunioes/27/gt07/p074.pdf . Acesso em 12/05/2006).

SOARES, Natália Fernandes. **Infância e Direitos**: Participação das crianças nos contextos de vida – representações, práticas e poderes. Tese de Doutorado não Publicada, na área da Sociologia da Infância. Instituto de Estudos das Crianças, Universidade do Minho. Braga, Portugal. 2005. 491p.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 223p.

SOUZA, Solange Jobim & LOPES, Ana Elisabete. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cad. Pesqui.** . 2002, n. 116, p. 61-80.